

---

**CARLOS**

---

**RODRIGUES**

---

**BRANDÃO**

---

---

---

*Entrevista concedida a Fernanda Resende, Izabel Missagia, Mariana Barros, e Marlene Moura, no dia 03 de abril de 2007, no IGPA. O cinegrafista Gel Messias fez a gravação das imagens e o estagiário Frederico Mael Bueno, a autorização do DVD e a transcrição da entrevista, revista pela mestrandia Mariana Barros.*

**Izabel Missagia** – *Brandão, sua carreira docente teve início há 40 anos. Ao mesmo tempo, sua produção acadêmica tem sido prodigiosa, englobando reflexões sobre antropologia aplicada a diversas áreas do conhecimento, notadamente à educação, ao meio ambiente e às artes. O perfil atual dos antropólogos configura-se de forma bastante distinta de décadas anteriores, haja vista a dimensão alcançada pela 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em Goiânia em junho de 2006, quando o senhor foi agraciado com a medalha Roquette-Pinto. Como o senhor avalia o campo da Antropologia Aplicada hoje no Brasil?*

**Carlos Rodrigues Brandão** – *Comecei minha vida docente na UnB, onde lecionei na Faculdade de Educação. No ano seguinte, vim para a Católica de Goiás e, logo depois, para a Federal de Goiás. Então, entre agosto de 2007 e março de 2008, comemoro esse triplo começo de professor: UnB, Católica de Goiás e Federal de Goiás.*

*Uma outra coisa que eu gostaria de lembrar, relacionada com a pergunta, é que muito mais tocante que o momento da medalha na nossa reunião, aqui em Goiânia, da Associação Brasileira de Antropologia, foi quando eu estava*

numa sala do GT do grupo de estudo sobre sertão, como comentador de texto, e de repente, olhando à minha volta, à minha frente, me deparei com alunas e alunos meus de cinco décadas, dos anos 1960, 1970, 1980, 1990 e de agora. Esse momento foi mais tocante do que o próprio momento solene da entrega de medalhas, que eu reparti com pessoas queridas, como a Ruth Cardoso e o Pierre Sanchis.

De fato, essa pergunta é muito pertinente. Eu remontaria à própria reunião da ABA, aqui em Goiânia, do ano passado, para começar a respondê-la. Fico imaginando como teria sido uma primeira ou uma segunda ABA e me lembro das reuniões de que participei. Seriam, por ventura, com muito menos antropólogos, uma quantidade pequenina. Eu me lembro quando, em 1965, concluído o curso de Psicologia na PUC e já procurando caminhos na Antropologia, eu estive com Roberto Cardoso de Oliveira, no Museu Nacional. Foi meu primeiro contato e ele me recebeu com muito carinho. Disse-me que até poderia me receber como estagiário, mas não como pós-graduando, porque simplesmente não havia ainda o programa de pós-graduação em Antropologia naquele tempo. Os primeiros foram criados lá mesmo, logo depois na UnB e em outros lugares. Eu até fui da primeira turma de mestrandos da UnB, uma turma ingressante em 1972.

Éramos muito poucos e trabalhávamos com poucos temas, na verdade. Quando nós demos o salto, poderia ser 1972, 2002 ou então até mesmo 1967, 2007, nós vemos nessa última reunião da ABA um panorama completamente diferente. Basta lembrar a pluralidade dos GTs. Então, eu diria que a pluridiferença entre culturas, que é uma coisa tão marcada no cenário da Antropologia, voltou-se para a própria Antropologia. Hoje nós somos uma comunidade profundamente pluridimensional. Eu diria que, praticamente, não há área da experiência humana e não há área dos problemas sociais, ambientais, políticos, econômicos, ou o que seja, que não tenha uma atenção da Antropologia, que não tenha um olhar de antropólogos, que não tenha mesmo um campo especia-

lizado da Antropologia. Aquilo que se chamava etnografia, na antropologia dos povos indígenas, em anos atrás, hoje em dia deriva para muitos e muitos campos especializados de trabalho. Você pode ir a uma tribo indígena como antropólogo visual, como etnógrafo, como etnomusicólogo, como especialista em antropologia da dança, do parentesco, como antropólogo político, ou seja, uma mesma comunidade, hoje em dia, atrai um “pluri” olhar da Antropologia e, por outro lado, o mesmo olhar da Antropologia pode se dirigir a uma pluralidade de comunidades diferentes.

Eu me lembro que, há muitos anos, um jornal, o Opinião, depois extinto aqui no Brasil, nos tempos da ditadura, já naquela ocasião, publicou uma matéria muito interessante, “Antropologia: do índio à boca do lixo”, fazendo referência à região de prostituição, de violência, próxima da rodoviária de São Paulo. Justamente, já naquela ocasião, essa reportagem, que até entrevistou vários antropólogos, mostra o início dessa pluralidade. De repente, somos todos índios: qualquer grupo humano, qualquer grupo étnico, qualquer grupo cultural, qualquer problema humano, qualquer dilema humano, o idoso, o envelhecimento, a criança, o menino de rua, o cigano, o indígena, o quilombola, o homem, a mulher, os gêneros, as pessoas nas suas muitas diferenças. De repente, tudo isso envolve Antropologia.

A Antropologia foi, durante muito tempo, associada até mesmo à empresa colonialista, nas suas origens, uma espécie de facilitadora para um desejo de compreensão dos povos não apenas primitivos, mas colonizados na África, na Ásia, nas Américas. De algum tempo para cá, isso é ao mesmo tempo antigo e novo, ela se volta para os dilemas humanos, àquilo que sociólogos, assistentes sociais, educadores reclamavam da Antropologia. A Antropologia não só pesquisa, mas se envolve com, tem respostas a dar, tem compromissos com povos indígenas, com povos quilombolas, com minorias étnicas, com questões de globalização e, ao mesmo tempo, com questões profundamente ancoradas numa região, com questões ambientais e assim por diante.

**Izabel Missagia** – *O trabalho de campo etnográfico constitui a marca distintiva da Antropologia perante as outras disciplinas sociais. É ritual necessário para a formação do antropólogo, deve ser realizado em profundidade em algum momento de sua trajetória. Seu trabalho como etnógrafo, Brandão, tem sido incansável ao longo de todo o seu percurso, refletindo contribuições diversas. Em sua opinião, qual o lugar do trabalho de campo hoje, para a formação do antropólogo?*

**Brandão** – Eu gostaria de responder a essa pergunta novamente com um dado biográfico. Muitas vezes, é a partir de uma experiência biográfica, de um contar de si mesmo, que conseguimos chegar a uma clareza maior nas nossas próprias idéias.

Eu acho muito interessante, já falei isso mais de uma vez, que muito da minha experiência como antropólogo eu não trouxe da universidade, pois eu fiz um curso de Psicologia, que era naquele tempo um curso muito experimental, muito de laboratório, na PUC do Rio de Janeiro. Eu a trouxe das experiências de movimento estudantil, da Ação Católica e principalmente de movimentos de cultura popular e, de maneira especial, do Movimento de Educação de Base, com que trabalhei durante alguns anos, mesmo aqui em Goiás.

Foi nessas experiências, muito mais do que na própria academia, que eu aprendi duas práticas e me habituei a elas. Depois eu as trouxe para a sala de aula e para a própria Antropologia. A primeira é o trabalho em grupo. A minha primeira aula, na UNB, foi dada debaixo de uma árvore, um arbusto muito quente, num círculo. Era uma turma pequena de alunos de Filosofia da Educação. Eu trouxe para a experiência da academia toda essa prática dos Círculos de Cultura, dos debates, da isonomia, das trocas de idéias, em que a opinião de cada aluno, a visão dele, tinha um valor muito grande. O próprio professor era mais um companheiro, com um pouco mais de experiência. E a outra prática, que eu trouxe também desses movimentos, foi o grande valor do campo. Antes de fazer o meu mestrado, antes de conhecer a Antropologia, quando eu ingressei aqui na Católica e na Federal,

na UNB não houve campo para isto – eu comecei a dar aulas, a organizar seminários até aos sábados, quando a universidade estava fechada, e ia fazer pesquisas com os meus alunos, primeiramente, aqui mesmo na cidade de Goiânia. Lembro-me que eu dei um curso de Sociologia Urbana, na Arquitetura, aqui na Católica, no começo dos anos 1970, em que nós saímos pela cidade entrevistando moradores, uma pesquisa de campo. A mesma coisa foi com o pessoal de Serviço Social, com o pessoal da então Faculdade de Filosofia.

Eu ingressei no mestrado, na UnB, em agosto de 1972. Costumo dizer que eu descobri a minha tribo. Saí da Psicologia, da Psicologia Experimental, e comecei a viver com os meus alunos uma experiência de campo muito intensa.

Então, nesse tempo, até a minha ida à Unicamp em 1976, a minha vida de professor e de antropólogo aqui em Goiás ficou dividida em dois momentos. Eu tinha as minhas manhãs em aulas no ICHL. Embora não houvesse o curso de Antropologia, eu trabalhava já com Antropologia em alguns cursos e, à tarde, eu trabalhava como pesquisador no Museu Antropológico da Federal de Goiás. Realizei minhas primeiras pesquisas de campo sobre festas e rituais: *Cavalcadas de Pirenópolis*; *O Divino, o Santo e a Senhora*; *a Festa de Santo de Preto*<sup>1</sup>. E havia uma razão vocacional, eu estava naquele tempo em função das minhas próprias origens, profundamente interessado em três campos: na Antropologia do Campesinato, uma área que me envolve até hoje e que até me aproximou da Antropologia do Meio Ambiente; na Antropologia Étnica, Antropologia associada aos negros – agora mesmo estou vindo da Editora da Católica e nesse mês ainda vai ser lançado um livro meu chamado *A clara cor da noite escura*, que são estudos de campo sobre negros de Goiás e Minas Gerais – e na Antropologia da Religião.

Mas, por que meu estudo incidia muito sobre festas? Porque naquele tempo nós não tínhamos licença ainda, não tínhamos períodos sabáticos, então eu aproveitava semanas santas, épocas de festas de fim de semana para ir para um apertado campo fazer pesquisas que às vezes se repetiam.

Eu ia a Pirenópolis cinco, seis, sete, oito vezes para produzir um trabalho como *O Divino, o Santo e a Senhora*.

Eu e alguns poucos colegas – acho que nós somos poucos hoje em dia – somos ardorosos defensores do campo e do campo como lugar até onde se vai. Pode ser a casa vizinha à minha e pode ser o Cazaquistão, mas o sair de onde eu estou e ir interlocutar com outras pessoas, com outras culturas e com a minha mesma, eu considero essa experiência de campo essencial à Antropologia.

É verdade que quando eu converso com colegas meus que pesquisam uma Antropologia mais histórica, sobre documentos, ou eu mesmo pratico uma Antropologia mais teórica, eles me dizem que estão apenas realizando um alargamento do campo. E estão inclusive quebrando fronteira com a Arte, com a Música, com a Sociologia, com a História, com outros campos do saber. Eu acho isso extremamente válido e também acredito que, de repente, o campo não é mais a tribo indígena, ou a comunidade de negros, ou os camponeses de Mossâmedes, ou Diolândia, onde eu pesquisei tantas vezes, ou os negros de Pirenópolis ou de Catalão. Ele pode ser, por exemplo, uma comunidade religiosa da idade média ou dos primórdios de Goiás. Eu posso pesquisar sobre documentos, mas acredito que, pelo menos em momentos de formação do antropólogo, ele deveria praticar uma experiência de campo no sentido mais clássico da palavra. Houve um momento, na Unicamp, em que eu defendi isso como obrigatório. Eu dizia que entre o mestrado e o doutorado, pelo menos em um desses momentos, deve-se realizar um trabalho de campo no sentido clássico da palavra, no sentido de Malinowski ou Roberto Cardoso: ir para o campo, voltar de lá com material de campo e processar esse material como pesquisa.

Isso não quer dizer que a pessoa vá se consagrar, como eu, um pesquisador de campo ao longo da vida. Eu me lembro que o Roberto Cardoso de Oliveira, muitos anos atrás, em um intervalo de uma banca de tese, brincava comigo dizendo: “Brandão, todo antropólogo, quando vai chegando a uma idade, parecida com a sua, começa a tomar compostura

e pára de atolar o pé na lama, pára de entrar pelo mato, de procurar as culturas estranhas, vira um senhor antropólogo teórico e manda os seus alunos e orientandos realizarem esse trabalho. Você ainda não chegou lá”. E eu disse: “Roberto, acho que nunca vou chegar”.

Mesmo o Roberto foi um pesquisador de campo durante muitos e muitos anos. Ele, já de idade, tinha alunos e ainda pesquisava no campo. Eu ainda hoje pesquiso no campo. Atualmente, estou vinculado à Universidade de Montes Claros, coordenando uma equipe de pesquisadores ao longo do rio São Francisco – inclusive é uma pesquisa aberta, quem ainda queira se “sãofranciscanizar”, meu convite está aberto – e dentro dessa pesquisa eu tenho a minha pesquisa de campo, junto a velhos habitantes das beiras do rio.

Então, sintetizando, o campo são campos, são muitos, são múltiplos, podem até não ser o campo tribo indígena ou comunidade camponesa, mas eu considero que a experiência de campo é tão formadora do antropólogo, no momento da sua vida, quanto, por exemplo, a experiência do laboratório para um biólogo ou a experiência da clínica para um médico.

**Mariana Barros** – *Brandão, uma pergunta sobre sua relação com a fotografia, sobre a relação da pesquisa de campo e da antropologia com a arte. A etnografia é uma prática também poética?*

**Brandão** – Eu poderia responder a você mostrando as capas de quatro livros meus que justamente foram publicados por essa casa, pela Editora da Universidade Católica de Goiás. Eu começaria pelo último, de que falei, o *A clara cor da noite escura*. Você vai ver, quando ele sair, que é um livro-álbum, aliás acabei de ver as provas, ele vai ficar muito bonito. É um livro com oito artigos que vão de tempos bem arcaicos (tem dois da minha dissertação de mestrado, nos anos 1970) até bem recentes, mas com várias fotografias em cores. Finalmente, no fim de carreira, consegui essa glória e essa alegria, graças à Editora da Católica. Você vai ver que essas fotografias, que vão aparecer no livro, recobrem pelo menos três situ-

ações, porque foram tiradas em momentos muito diferentes. Tem fotografias que eu chamaria de informação etnográfica. São aquelas não tão cuidadas, em que a minha preocupação era produzir uma informação também visual para um texto, ou seja, fotografia secundária ao texto. Depois, há fotografias que eu chamaria de antropológicas, fotografias dialógicas. São as que já apresentam um cuidado estético maior; quando eu tiro e seleciono, a preocupação não é apenas informar bem o que eu quero, mas o grau de beleza, de comunicação visual artística que há nessa foto. Ela já dialoga com o texto. Eu quero que meu texto seja não apenas etnograficamente correto, mas “etnopoeticamente” bonito, e que a fotografia faça uma correspondência com isso.

Finalmente, há uma série de fotos onde eu diria que a foto é o texto, o texto complementa a foto. Chama-se *Negro olhar*, que é resultado de uma bolsa que eu ganhei da FUNARTE, há anos, em que eu fiz um estudo com muitas fotos, mais de 700, só de rostos de negros em diferentes situações de festas em São Paulo, Minas Gerais e aqui em Goiás. Aí a preocupação é fazer com que a foto prime por uma beleza, por uma informação predominantemente estética e apenas secundariamente antropológica, no sentido mais etnográfico da palavra. E o texto quase que existe para dar sentido às próprias fotos.

Esse é um primeiro livro. Um segundo chama-se *O vento de agosto no pé de ipê*. Este é um livro sem fotos, mas muito interessante porque a maioria dos poemas vem de um outro livro, que nunca foi reeditado, chamado *Diário de Campo: a antropologia como alegoria*, um livro dos anos 1980 e que foi uma primeira experiência minha – dizem até alguns que uma das primeiras no Brasil – de fazer uma poesia antropológica. Esse *Diário de campo*, na verdade, são longos poemas que eu escrevi, a maioria deles ou em pesquisa de campo, aqui mesmo em Goiás, ou então em viagens ao Chile, ao México, a uma região indígena onde eu morei. Então, são poemas, mas poemas antropológicos, até com notas de rodapé.

O terceiro livro chama-se *O jardim da vida*, um trabalho conjunto com uma aquarelista aqui de Goiás, Evandra

Rocha, uma bela aquarelista; são plantas medicinais em aquarelas e eu produzo um texto de leitura de textos literários sobre a natureza Goiana. Eu fiz uma pesquisa de literatura mineira e goiana do cerrado, em autores como Hugo de Carvalho Ramos, Bernardo Élis, Carmo Bernardes, Bariani Ortencio, levantando momentos em que eles falam das plantas de Goiás, das árvores de Goiás e do cerrado. De Minas também, João Guimarães Rosa e Mário Palmério em trechos às vezes belíssimos. Então, foi uma outra pesquisa, uma das poucas vezes que eu fiz uma pesquisa mais bibliográfica.

E, finalmente, um último livro de pura poesia chama-se *Orar com o corpo*. É um livro em que cada poema é um verbo e cada verbo sugere algo entre o poema e a prece; são poemas-verbos como, por exemplo, cantar, musicar, orar e assim por diante, e que também se distribuem ao longo das horas do dia.

Se você tomar apenas esses quatro livros, verá essas várias dimensões: a do antropólogo, a do “antropoético” e a do poeta, que não deixa de ser também antropólogo.

**Fernanda Costa** – *Gostaria que você falasse, Brandão, sobre turismo religioso.*

**Marlene Moura** – *Tem-se observado uma grande efervescência no âmbito dos estudos das culturas populares, notadamente no âmbito das festas e celebrações. Uma profusão de monografias, dissertações e teses estão sendo escritas sobre a questão, percebendo-se uma forte ênfase na dimensão descritiva e etnográfica. Assim, a Antropologia Brasileira parece estar bem guarnecida de pessoal capaz de levar adiante o rastreamento desses eventos, a ponto de já se tornar crescente a redundância de estudos. É o caso da Folia de Reis, da Festa do Divino Espírito Santo e escopos de inúmeras pesquisas que pouco ou nada dialogam entre si. Até que ponto esse fenômeno indicaria uma certa exaustão no campo de estudo das culturas populares e, nesse sentido, quais seriam as possíveis estratégias para combater a perceptível saturação desse campo?*

**Brandão** – Estou de pleno acordo com o teor da pergunta. Eu acho que não é só esse campo, vários outros estão em processos de saturação. Eu digo de brincadeira aos

meus amigos, que trabalham com a Antropologia associada à Educação Ambiental, que, pelo menos no litoral de São Paulo – tive um contato muito grande através de pesquisas da USP, da Unicamp – há quase um antropólogo para cada caçara, um antropólogo para cada pescador. Eu acho que muitos campos estariam passíveis de saturação, acho isso problemático e perigoso no duplo sentido. Primeiro, porque há um abuso de presença junto a essas comunidades populares, que não recebem nada em troca do imenso trabalho que prestam. Eu costumo dizer que, com as nossas pesquisas, viramos doutores e, com as nossas pesquisas, eles continuam exatamente como estão, ou seja, como gente explorada e submetida a processos de exclusão que todos nós conhecemos.

No caso da pesquisa do mundo religioso, haveria uma série de razões. Lembro que eu participei, entre final dos anos 1960 e começo dos 1970, de todo um *pool* de antropólogos. Poderia lembrar da Regina Prado, Alba Zaluar, Laís Mourão, eu mesmo, o próprio Roberto DaMatta, que se adentrou por aí, Rubens César Fernandes, Pierre Sanchis e tantos outros e outras que derivaram suas pesquisas para o campo da Antropologia da Religião ou então para o campo do ritual, da festa profana, como no caso do carnaval e de inúmeros trabalhos, ou das festas religiosas, como eu mesmo produzi.

Eu acho que existem várias explicações. Acho que existe uma boa, que é o fato de o mundo da alegoria, o mundo do símbolo, o mundo do exagero, o mundo da ruptura da rotina – que se traduz do jogo de futebol ao carnaval, à festa, à Semana Santa – ser um campo não apenas muito próximo da Antropologia, mas um campo muito chamativo do ponto de vista da experiência humana. Eu acho que no mundo que se globaliza, no mundo que ameaça se tornar alguma coisa próxima ao Big Brother ou ao Mc Donald's – onde de repente você vai a qualquer lugar do mundo e come a mesma comida, assiste aos mesmos paupérrimos espetáculos – , esses rituais de identidades arcaicos, primitivos, simbólicos, são profundamente atraídos, porque são ainda um resgate do que há de humano, do que há de peculiar, de diferente em nós,

inclusive como uma reação a toda essa geléia geral que nos ameaça dia a dia.

Temo muito que os antropólogos possam ajudar nessa globalização cultural empobrecedora. Tenho um grande receio de ver, muitas vezes, a presença da TV Globo, como deve acontecer essa semana na Cidade de Goiás, mais uma vez transformando toda uma Semana Santa – que para aquela população tem ou deveria ter um profundo significado ritual, não sei se religioso, mas ritual-religioso – na Procissão do Fogaréu, como se ela fosse o único momento digno de ser visto, apenas porque é um momento curioso e interessante, que se tornou falso ponto alto de toda uma celebração que acontece durante uma semana. É o que eu chamo, inclusive em livros antigos, mas não só eu, como também Canclini e tantos outros, uma transformação do ritual em espetáculo. E uma transformação do espetáculo em algo mais pobre ainda do que o espetáculo, ou seja, algo que se universaliza pelo pior caminho e se transforma em um simulacro, em uma espécie de mentira do que deveria ser. Quando me convidaram para participar de uma comissão julgadora do Boi Bumbá de Parintins, eu me recusei, disse que não ia exatamente por isso, porque eu estava acostumado a pesquisar rituais religiosos e não a participar da transformação desse rituais em espetáculos de massa, já mercantilizados, já transformados em uma coisa que se vende, em que se aposta e assim por diante.

Eu acho que a outra razão, a razão má, é o fato de que muitas vezes, como eu disse na resposta à primeira pergunta, a festa, pelo seu pouco tempo de realização – afinal o carnaval dura apenas quatro dias e tudo se acaba na quarta-feira, como diz uma marcha-rancho, muito conhecida –, propicia o que eu chamaria de uma antropologia da preguiça.

Algum tempo atrás, eu fui examinar uma tese, muito bonita visualmente, mas muito pobre em termos de idéias e fiz essa crítica à pessoa que tinha elaborado o trabalho, bem construído teoricamente, mas, do ponto de vista etnográfico, muito fraco. Eu disse a ela: “A impressão que você me dá é que você passou meio fim de semana no campo para produ-

zir esse trabalho”. Isso leva à pergunta sobre turismo religioso. Eu tenho muito pouco conhecimento de toda essa discussão que se faz em torno de turismo e a minha própria vida é muito pobre turisticamente. Eu me lembro que, nos meus 67 anos de vida, apenas uma vez fiz uma viagem realmente turística. Eu vejo com muita preocupação, justamente pelo que respondi na primeira parte. O perigo do turismo ambiental, do turismo religioso, do turismo que, com a melhor das intenções, se dirige a um lugar natural ou a uma comunidade geográfica ou ritual, é se apropriar daquilo, transformar aquilo, em termos de TV Globo, em um lugar-espetáculo ou então em uma comunidade-espetáculo, e com isso realizar um sonho do mercado neoliberal, ou seja, transformar tudo e todas as coisas, de uma cachoeira a uma Folia de Reis em uma mercadoria que se compra e que se vende.

#### Nota

<sup>1</sup> Nota da equipe revisora: trata-se de títulos de livros nos quais foram publicados os resultados das pesquisas referidas pelo autor.